SÉRIE 4 - N.º 154 | JAN./MAR.-2018 TRIMENSÁRIO - € 0,20 | PROPRIEDADE DA **UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES** | WWW.**URAP**.PT | geral@urap.pt

URAP



25 DE ABRIL SEMPRE!

Avizinha-se o dia maior do povo português e da nossa pátria. No dia 25 de Abril vamos comemorar os 44 anos de liberdade e democracia, restituídas ao povo português pelo glorioso Movimento das Forças Armadas, secundado pelo levantamento das massas populares. Finalmente a ditadura fascista tinha chegado ao fim. Foi também a luta de milhares e milhares de antifascistas e democratas, ao longo da tenebrosa noite fascista, que contribuiu decisivamente para o fim do fascismo.

Hoje, comemorar o 25 de Abril de 1974 é trazer para as cidades, vilas e aldeias, empresas e locais de trabalho, não só a alegria imensa de se viver em liberdade e democracia, mas sobretudo fazermos colectivamente uma reflexão sobre a nossa vida, sobre o significado do 25 de Abril, os seus anseios, o seu projecto e os seus objectivos.

Ao longo de quatro décadas, o 25 de Abril e as suas conquistas foram sempre combatidos pelas forças de direita. É histórico e concreto que as classes dominantes não se conformam com a perda do que tinham e dos seus privilégios.

Hoje, comemorar o 25 de Abril de 1974 é lutar pelos direitos dos trabalhadores, dos reformados e dos jovens, que tão brutalmente estão sendo espezinhados e degradados. Hoje, lutar pelo 25 de Abril é informar, esclarecer e reflectir sobre o branquemento do que foi o fascismo, sobre a adulteração da verdade histórica, reescrevendo-a na perspectiva reformista e oportunista. Hoje, lutar pelo 25 de Abril é não esquecer os milhares e milhares de antifascistas que foram assassinados, presos, torturados e perseguidos na sua vida e no seu trabalho.

A União de Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP), sempre fiel aos princípios e objectivos que nortearam a sua criação, luta em todos os campos contra o branqueamento e subversão da história, pelo esclarecimento do povo português e, especificamente, da juventude. É intensa a sua actividade de levar às escolas e universidades a verdade sobre o fascismo e a sua política de repressão, obscurantismo e opressão. A Juventude precisa de saber.

A URAP apela a todos os portugueses e portuguesas para que se manifestem em defesa do 25 de Abril, do trabalho com direitos, da saúde e ensino públicos e universais, e de outras conquistas. O povo português precisa de uma URAP mais forte de Norte a Sul do País. Mais sócios e mais núcleos é tarefa de todos os dias.

César Roussado



URAP COM INTENSA ACTIVIDADE - págs. 2 e 5
Os últimos meses foram marcados por uma intensa actividade da URAP e dos seus núcleos, em torno da valorização da resistência e dos combates do presente em defesa da democracia.

FASCISMO E EXTREMA-DIREITA - pág. 6 e 7

CULTURA É RESISTÊNCIA - pág. 10 e 11

HOMENAGEM AOS TARRAFALISTAS

EVOCAÇÃO DA LUTA CONTRA O FASCISMO

«Estamos aqui para demonstrar que o sacrifício dos homens que sofreram no Campo de Concentração do Tarrafal não foi em vão. Estamos aqui para afirmar que lutaremos com todas as nossas forças para que o fascismo não volte mais à nossa terra», disse Marília Villaverde Cabral na cerimónia anual de homenagem aos tarrafalistas mortos, realizada no dia 10 de Março no cemitério do Alto de São João, em Lisboa, junto ao mausoléu evocativo.

A cerimónia foi apresentada por Nuno Figueira, da direcção da URAP, que lembrou a trasladação dos restos mortais dos 32 tarrafalistas assassinados no campo de concentração, de Cabo Verde para Portugal, a 18 de Fevereiro de 1978, e da gigantesca manifestação que a acompanhou. Desde então, recordou, a URAP organiza estas romagens anuais.

Depois de sublinhar que é errado pensar que «o fascismo já passou à História», a coordenadora da URAP afirmou que esta organização «tudo fará para continuar a luta contra o branqueamento do fascismo e para realizar sessões, nomeadamente em escolas, para que as gerações futuras conheçam o que foi o fascismo e o que foi a resistência».

A sessão contou com um momento de poesia por Tavares Marques, que disse Miguel Torga, Armindo Rodrigues e Ary dos Santos. Membros do coro Lopes Graça entoaram, com os presentes, os Hinos de Caxias e do MUD (Companheiros Unidos), «Jornada» e «Acordai».

«Vidas Clandestinas» na Escola Secundária D. Filipa de Lencastre

Adelino Pereira da Silva e Faustina Barradas, da URAP, participaram no dia 21 de Fevereiro numa sessão dedicada ao tema «Vidas Clandestinas», na Escola Secundária D. Filipa de Lencastre, em Lisboa, integrada na disciplina de História, durante o período do pós-guerra (1945) até à revolução de Abril de 1974.

A convite das professoras de História Maria Manuel Costa e Gabriela Vieira da Silva, que dirigiram os trabalhos, Adelino Pereira da Silva fez o enquadramento político da época, falou do regime de ditadura fascista de 48 anos, sem liberdade expressão e de organização (partidos, sindicatos, greves, manifestações). Ambos os oradores cresceram em ambientes de vida partidária clandestina e cedo ingressaram no mundo do trabalho, aos 14 anos, em empresas na área de Lisboa. Depois foram funcionários políticos e realizaram tarefas clandestinas, nas tipografias, em trabalhos técnicos e de organização, «casaram» na clandestinidade, tiveram filhos em situações muito difíceis, foram presos… Mencionaram ainda os diversos trabalhos que cabiam aos funcionários clandestinos.

Participaram na sessão cerca de 60 alunos, duas professoras de História e três de outras áreas, e ainda a directora da escola. Numa vitrina, no átrio adjacente ao auditório da escola, onde se realizou a sessão, foi montada uma exposição temática. democratas, ao longo da tenebrosa noite fascista, que contribuiu decisivamente para o fim do fascismo.

Guerra de Espanha

O núcleo do Seixal da URAP realizou no dia 9 de Dezembro, na Casa do Povo de Corroios, uma sessão evocativa da Guerra Civil de Espanha (1936-39), na qual participou Domingos Abrantes.



URAP
Propriedade e edição da
UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS PORTUGUESES
Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA BERNARDO LIMA, 23 - 1º ESQ.
1150-075 LISBOA • TELEFONE 213 576 083

INTENSA ACTIVIDADE

Núcleo do Porto realiza plenário

A terceira fase do projecto «Do Heroísmo à Firmeza» vai ser apresentada, dia 28 de Abril, na antiga cadeia do Porto, hoje Museu Militar. Esta acção insere-se na comemoração do 42º aniversário da URAP (30 de Abril de 1976) e dos 44 anos da Revolução de Abril.

Esta foi uma das resoluções tomadas no plenário do núcleo do Porto, que se reuniu dia 10 de Fevereiro com a presença da coordenadora da URAP.

Marília Villaverde Cabral falou sobre a actividade desenvolvida pela organização e as acções em curso, com destaque para a intervenção da URAP no processo de preservação da Fortaleza de Peniche com vista à implantação do Museu da Resistência.

Para 2018, o plenário aprovou as acções a desenvolver, nomeadamente a integração na Comissão Organizadora das Comemorações Populares do 25 de Abril, no Porto, assumindo a responsabilidade da Homenagem aos Antifascistas, junto ao edifício da ex-PIDE, e a participação nos desfiles do 25 de Abril e do 1.º de Maio, com pano próprio.

O plenário aprovou igualmente a realização, até ao fim do primeiro semestre, de uma conferência sobre a disseminação do fascismo na Europa, bem como uma deslocação/convívio a Lisboa, com visita ao Museu do Aljube, no próximo dia 19 de Maio.

Livro sobre Peniche vai na terceira edição

O livro «Forte de Peniche - Memória, Resistência e Luta», que vai já na terceira edição, continua a ser lançado em todo o País. Na **Amadora**, realizou-se a 17 de Fevereiro um almoço nos Bombeiros Voluntários, no qual participaram cerca de 50 pessoas. A apresentação ficou a cargo de Vítor Dias e Adelino Pereira da Silva.

Em **Algueirão-Mem Martins**, concelho de Sintra, teve lugar a 20 do mesmo mês uma sessão no Espaço Cultural da Freguesia, com 30 pessoas. Para além da intervenção de José Pedro Soares, antigo preso político e membro do Conselho Directivo da URAP, intervieram diversos resistentes antifascistas locais. Para o dia 4 de Abril (já após o fecho desta edição) estava marcada uma nova sessão no concelho de Sintra, desta feita na Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos de **Rio de Mouro**, também com a participação de José Pedro Soares.



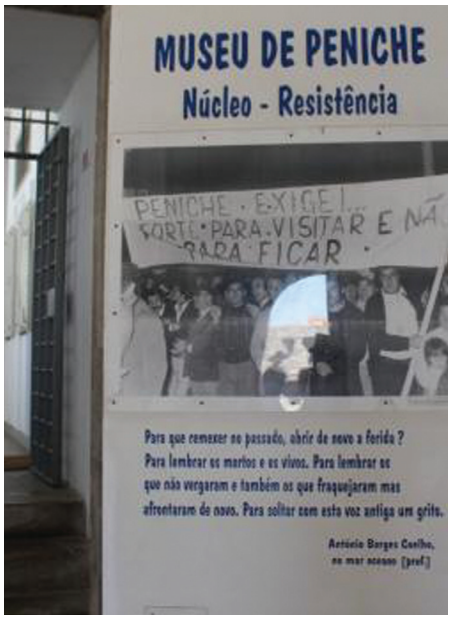
No dia 25 de Janeiro, o núcleo da URAP da **Marinha Grande**, em parceria com o MDM, promoveu no auditório da Escola Calazans Duarte uma sessão de apresentação do livro, integrada nas comemorações da revolta do 18 de Janeiro de 1934. Participaram Vítor Dias e Adelino Pereira da Silva. Entre as dezenas de participantes encontravam-se ex-presos políticos, familiares e muitos estudantes, três dos quais leram os poemas Abandono, Roseira Verde e Um Homem só no Segredo, incluídos no livro.

A 7 de Dezembro, realizou-se na sede do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, em **Lisboa**, outra sessão, na qual participaram José Pedro Soares, o historiador (e também antigo preso político) António Borges Coelho e ainda o escritor Domingos Lobo e o animador cultural Manuel Diogo, os dois últimos declamaram poesia.

O historiador recordou, na sua intervenção, que a sua mulher, Isaura Borges Coelho, foi presa ao mesmo tempo do que ele. Enfermeira de profissão, tinha encabeçado uma luta para que as enfermeiras pudessem casar. Foi, a certa altura, arrastada pelos cabelos, submetida a violência e, depois de presente a tribunal, foi condenada a dois anos e nove meses de cadeia. Contudo, só de lá saiu passados quatro anos. Essa mulher, disse ele, está ali, apesar dos seus já noventa anos, «é a Isaura, a minha mulher, a minha companheira».

Em Peniche

Criada comissão de instalação do Museu Nacional da Resistência





A **Comissão de Instalação dos Conteúdos e da Apresentação Museológica (CICAM)** do futuro Museu Nacional da Resistência e da Liberdade, situado no Forte de Peniche, foi criada e tem como missão propor os conteúdos do programa museológico do futuro museu, já apresentado em sede de candidatura ao Programa Portugal 2020.

À CICAM compete igualmente sugerir linhas de orientação acerca da respectiva apresentação museográfica, em linha com a história da Fortaleza de Peniche desde a sua construção e a preservação da memória da sua história recente nos contextos da resistência à ditadura e na luta pela democracia.

O gabinete do ministro da Cultura, Luís Filipe Castro Mendes, informou dia 15 de Janeiro que a CICAM será composta pelo presidente da Câmara Municipal de Peniche, **Henrique Bertino**; pela directora-geral do Património Cultural, **Paula Silva**, que preside, detendo voto de qualidade; pelo chefe de gabinete do ministro da Cultura, **Jorge Leonardo**; e pelas seguintes individualidades: **Adelaide Pereira Alves; Domingos Abrantes; Fernando Rosas; José Pedro Soares; Manuela Bernardino; Raimundo Narciso; e João Bonifácio Serra**, conforme designação da Câmara Municipal de Peniche.

A CICAM deve apresentar as suas propostas até ao dia 27 de Abril de 2018 a fim que o museu possa ser inaugurado um ano depois.

Investigação sobre antigos prisioneiros em Angra do Heroísmo

URAP desenvolveu uma investigação na Torre do Tombo sobre todos os 463 presos políticos que estiveram em Angra do Heroísmo, com vista à elaboração de uma brochura com a sua identificação nominal, data de entrada naquela prisão, naturalidade, profissão e data dos que faleceram lá ou em outro local, depoimentos e outros documentos relevantes.

O projecto de elaboração de uma brochura surge na sequência da visita guiada que a URAP realizou aos Açores, de 17 a 21 de Setembro de 2015, e prevê-se o seu lançamento em Angra do Heroísmo ainda este ano.

Na ocasião, a delegação da URAP, composta por 15 pessoas, deslocou-se aos Fortes de S. João Baptista e de S. Sebastião (o Castelinho), onde o presidente da Câmara Municipal, Álamo de Menezes, e a coordenadora do Conselho Directivo da URAP, Marília Villaverde Cabral, descerraram uma lápide em homenagem aos homens que ali foram presos e torturados por amor à liberdade.



Em Aveiro, a 7 de Abril

URAP evoca III Congresso da Oposição Democrática

A URAP vai evocar o III Congresso da Oposição Democrática, de 1973, momento alto da unidade antifascista. O local escolhido para a comemoração não podia ser mais apropriado: a própria cidade de Aveiro, onde há 45 anos, democratas de todo o País trouxeram as suas exigências e reivindicações para uma vida melhor, que a Revolução de Abril concretizaria. A sessão evocativa, sob o lema "A caminho da liberdade e da democracia", está marcada para o dia 7 de Abril, às 14:30, no Salão Nobre da Assembleia Municipal de Aveiro, antiga Capitania. Moderada por Jorge Sarabando, a sessão conta com as intervenções de Vítor Dias, do Conselho Nacional do III Congresso, e da coordenadora do Conselho Directivo da URAP, Marília Villaverde Cabral. Estarão presentes três membros da Comissão Executiva do Conselho Nacional do Congresso: Flávio Sardo, Neto Brandão e António Regala. Seguir-se-á um porto de honra com os membros do Conselho Nacional. Para além da sessão, há ainda uma exposição comemorativa.







Revolução de Outubro e seus impactos



O Centenário da Revolução de Outubro foi comemorado pela URAP com uma sessão pública subordinada ao tema «A Revolução de Outubro e as suas repercussões em Portugal», que decorreu na Casa do Alentejo, em Lisboa, no dia 30 de Novembro, com a participação de meia centena de pessoas. José Manuel Vargas, do Conselho Directivo da URAP, dirigiu a sessão, que foi acompanhada com a projecção de 50 diapositivos, evidenciando alguns aspectos do imenso impacto que a Revolução de 1917 teve em Portugal e do modo como as transformações revolucionárias e as conquistas sociais impulsionaram e estimularam a luta e a resistência antifascistas.

Os primeiros ecos da Revolução Russa chegaram através de notícias na imprensa anarquista e operária, suscitando desde logo grande simpatia pelas forças revolucionárias e pelas conquistas sociais alcançadas.

FACE AOS AVANÇOS DAS FORÇAS DE EXTREMA-DIREITA

A ACTUALIDADE DA LUTA CONTRA O FASCISMO

São cada vez mais evidentes os sinais de que a democracia formal, apesar de toda a sua degeneração e degradação, está a revelar-se incapaz de gerir o neo e ultraliberalismo dominante. Daí os crescentes afloramentos e avanços das forças de extrema-direita, num processo complexo e diferenciado que, no essencial, visa aniquilar a democracia, os direitos humanos e as conquistas sociais, para garantir a liberdade absoluta do capital e o domínio completo do que chamam «livre mercado» sobre a vida política e a soberania popular. Numa palavra, a instauração de uma nova ordem de natureza fascista, em última análise.

Se em 2017 foi particularmente notório o ascenso dos partidos nacionalistas, populistas e fascistas na Europa (Áustria, França, Holanda, Alemanha, República Checa), assinale-se que já em 2014 e 2015 a extrema-direita tinha ocupado lugares nos parlamentos de países como, por exemplo, a Hungria, Suécia, Suíça, Grécia, Polónia, Dinamarca, Bélgica e Eslovénia.

Com diferenças e mesmo contradições entre si, dadas as particularidades nacionais, essas forças alimentam-se do mesmo caldo de profunda crise social (desemprego, miséria), tirando proveito do desgaste das forças políticas tradicionais, de sentimentos de insegurança, reais ou incutidos, da maior visibilidade dos casos de corrupção e da criação de bodes expiatórios (imigrantes, refugiados).

Num contexto histórico de aprofundamento da crise do capitalismo, de intensificação do militarismo e da guerra, numa fase de refluxo do movimento operário e das forças progressistas, a extrema-direita tem hoje uma influência de que já não dispunha desde 1945.



CRESCIMENTO SIGNIFICATIVO

É muito significativo o crescimento verificado na composição dos grupos políticos que integram as forças nacionalistas, populistas e de extrema-direita no Parlamento Europeu. Na legislatura de 2004 a 2009, 22 deputados; de 2009 a 2014, 33; de 2014 a 2019, 45 + 37 (dois grupos).

Em Outubro de 2009, constituiu-se um europartido nacionalista, designado «Aliança dos Movimentos Nacionais Europeus» (AMNE), com forças de extrema-direita de países membros da União Europeia (UE): o partido húngaro Jobbik, o francês Front National, a Fiamma Tricolore italiana, o Nationaldemokraterna da Suécia e o National Front belga. Mais tarde, agregou outros partidos nacionalistas europeus, incluindo o Partido Nacional Renovador, de Portugal. No início de 2012, a AMNE foi oficialmente reconhecida pelo Parlamento Europeu como um euro-partido, o que desde logo passou a garantir à organização importantes recursos financeiros.

A UE é utilizada como palco pelas forças populistas e de extrema-direita (p. ex. Hungria Polónia, Ucrânia) para divulgarem a sua ideologia e propostas nacionalistas e xenófobas. Com a conivência e cumplicidade da UE, as forças fascistas integram os governos nacionais a um ritmo crescente, quer directamente, quer constituindo grupos parlamentares determinantes, ou ainda através de executivos que aplicam medidas repressivas de natureza neofascista (p. ex. França e Holanda).

AS VÁRIAS CABEÇAS DA HIDRA FASCISTA

Tal como o monstro mitológico (Hidra de Lerna), também o fascismo apresenta múltiplas cabeças que regeneram e se mostram sob variadas formas (populismo, nacionalismo xenófobo, neofascismo). Vejamos alguns casos, indicando entre parêntesis a expressão eleitoral das forças de extrema-direita em cada um dos países.

Hungria (44,9%) – O Fidesz (União Cívica Húngara), liderado por Viktor Orban, governa numa linha populista de extrema-direita, com medidas extremas anti-imigração. No parlamento húngaro, a segunda força, com 20,55, é o Jobbik (Movimento por uma Hungria Melhor), partido neo-nazi, antissemita, anti-ciganos, aderente do turanismo, ideologia que considera os húngaros com origem na «raça ultra-altaica».

Polónia (37,6%) – o ascenso do fascismo na Polónia teve recentemente (11 de Novembro) uma demonstração em Varsóvia, na Marcha da Independência, em que desfilaram 60 000 membros de forças fascistas, racistas e xenófobas, empunhando tochas de fogo e cartazes e faixas com símbolos e slogans neo-nazis: «Morte aos inimigos da Nação«, «Homem e mulher: a única família normal», «Europa branca», «Todos diferentes, todos brancos», bem como: «White Power», «Ku Klux Klan» e até «Sieg heil». O governo polaco congratulou-se com a «patriótica» iniciativa e prosseguindo no sentido de criação de um estado fascista aplaudiu a decisão do presidente de ratificar a lei sobre o Holocausto que permite penalizar com prisão o uso do termo.

Áustria (26%) – desde Dezembro último o governo é de uma coligação de conservadores xenófobos e anti-imigrantes com o chamado «Partido da Liberdade», hitleriano assumido, e que foi o primeiro governo a imitar Donald Trump na decisão, aplaudida por Israel, de transferir a embaixada de Telavive para Jerusalém. Uma

decisão que poderia parecer contraditória (hitlerianos que favorecem Israel?), mas antes mostra a articulação intrínseca entre nazismo e sionismo.

Bélgica (20%) – A extrema-direita, na Bélgica, tem a sua maior expressão na Flandres, com dois partidos nacionalistas e independentistas: o Vlaams Belang (VB, Interesse flamengo), anti-imigração e islamofóbico; e Nova Aliança Flamenga, idêntica ideologia, mas discurso mais «moderado».

Finlândia (17%) – O Partido dos Verdadeiros Finlandeses, agora dito só dos Finlandeses, esteve até há pouco numa coligação governamental tripartida, com dois partidos liberais que decidiram dissolver o acordo.

Noruega (15%) – O Partido do Progresso (FrP) é um partido nacionalista e populista que defende a redução de impostos, o livre mercado, a desregulamentação da economia e «menos Estado». Defende também limites à imigração e é favorável a uma maior cooperação com a NATO, os EUA e Israel.

Dinamarca (21%) – Partido do Povo Dinamarquês (Dinamarca), ultra-nacionalista e xenófobo.

Suécia (13%) – Os Democratas da Suécia (SD), partido nacionalista e anti-imigração, são a terceira força política do país. Para difundir a sua mensagem, integram-se a nível internacional, sobretudo com os EUA, no chamado movimento «alt-right» (alternative right), que procura esconder o caráter nazi ou fascista e conquistar o eleitorado mais jovem.

Estónia (8%) e Letónia (16%) – Governadas por nacionalistas que levam ao extremo a russofobia tão do agrado da União Europeia, a Estónia e a Letónia têm realizado desfiles anuais de veteranos nazistas, desde a queda da União Soviética.

Eslováquia (8%) – A Nossa Eslováquia (LSNS), partido neonazista criado em 2012, aproveitou-se do medo dos imigrantes para entrar no Parlamento, em 2016.

Grécia (7%) – A Aurora Dourada é um partido neo-nazi, ultra-nacionalista, defensor da «raça branca» e que chegou à representação parlamentar graças à crise migratória.

França (13%) – Com surpresa para os distraídos, em 2017, a candidata da Frente Nacional passou à segunda volta das presidenciais, com um registo de 21,3% (7,6 milhões de votos). Nas legislativas que se seguiram obteve apenas 8 deputados e agora procura reciclar-se (refundar o partido) para entrar no sistema «institucional».

Holanda (13%) – O Partido da Liberdade (PVV), de Geert Wilders, tornou-se, no ano passado, a segunda força do Parlamento holandês. Tinha prometido, na campanha eleitoral, banir o Corão e fechar escolas e mesquitas islâmicas. Chegou mesmo a descrever os imigrantes marroquinos como «lixo».

Suíça (29%) – O Partido Popular Suíço (SVP), anti-imigração, tem o maior número de lugares no Parlamento e participa no governo com dois elementos.

Luxemburgo (6%) – O Partido Reformista da Alternativa Democrática é um partido populista, com uma mensagem «anti-sistema», que diz defender os pensionistas e querer a igualdade entre os funcionários públicos e o resto dos cidadãos.

Alemanha (12,6%) – Formação populista anti-imigrantes, a Alternativa para a Alemanha/ AfD tornou-se a terceira força política do país e é o primeiro partido de extrema-direita a entrar no Bundestag desde 1945, muito por aproveitamento da crise dos refugiados.

Ucrânia – O estado fascista estabelecido em Kiev desde o golpe de 2014, com pleno apoio dos EUA e da UE, é o exemplo acabado da profunda hipocrisia dos dirigentes da UE, que enchem os discursos de democracia e de direitos humanos e ignoram a realidade fascista ucraniana, com milícias de assalto nazis integradas na Guarda Nacional e restauração de valores e símbolos hitlerianos, promovendo inclusivamente a herói nacional o criminoso nazi Stepan Bandera. A União Pan-Ucraniana, conhecido como «Svoboda», de ideologia fascista, é um dos cinco maiores partidos da Ucrânia, com três membros no governo.

Bulgária (9%) – A coligação ultra-nacionalista dos «Patriotas Unidos» (NFSB, VMRO e Ataka) ficou em terceiro lugar nas legislativas de Março 2017 e participa no governo de Boiko Borisov. Os Patriotas Unidos são hostis às minorias turca e cigana, aos imigrantes e aos homossexuais, e a favor da União Europeia e da NATO.

Itália – As eleições legislativas de 4 de Março deram 32,6% aos populistas do Movimento 5 Estrelas, 17.4% à Liga Norte, de extrema-direita, 14% à Força Itália de Berlusconi e 4,3% aos neofascistas Fratelli d'Italia.

NÃO AFROUXAR A VIGILÂNCIA, DENUNCIAR, COMBATER O FASCISMO

Perante a preocupante tendência de alastramento das forças populistas, xenófobas e racistas, e de organizações e regimes de natureza fascista, revestem-se de flagrante actualidade as palavras do nosso companheiro Aurélio Santos, proferidas em 2007.10.29, na Conferência Europeia da Paz:

«Esses movimentos neonazis não nascem do vazio. Nem vivem do nada. São alvo de orquestração e objecto de financiamento de forças que tentam, por vários meios, doutriná-los ideologicamente e manobrá-los politicamente.

Consideramos pois que a denúncia do fascismo e a luta antifascista se mantêm como necessidade actual das aspirações humanas de paz e liberdade.

Nas actuais condições, a solidariedade internacionalista tem de alargar-se, na luta contra as propagandas da guerra, contra as várias formas de opressão, de exploração e de manipulação das consciências.

Apesar de tudo, há no mundo possibilidades reais de barrar caminho ao avanço das forças da guerra e do fascismo e prosseguir a luta por avanços da civilização.»

José Manuel Vargas

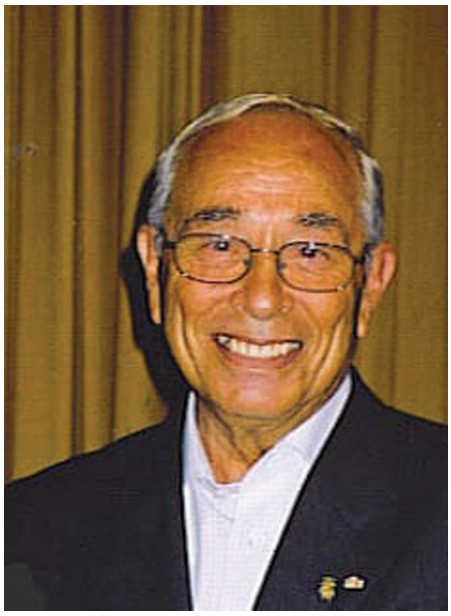
ANTIFASCISTAS FALECIDOS

EXEMPLOS QUE PERMANECEM

Nos últimos meses, morreram vários sócios e amigos da URAP, deixando a organização e o país mais pobres. Contudo, o seu exemplo de vida e de luta pela democracia ficará para as gerações vindouras.

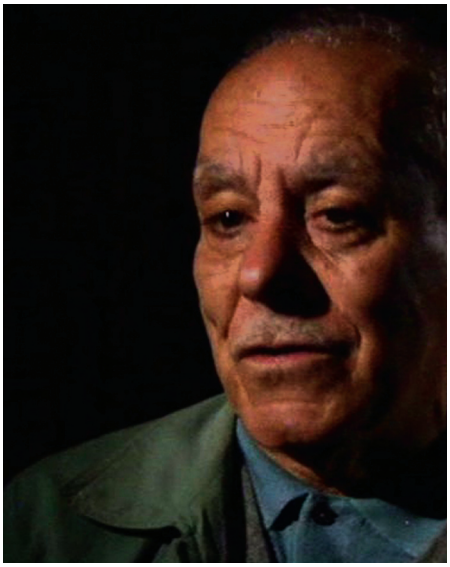
Alexandre Castanheira, um dos primeiros sócios da URAP e antigo coordenador do Conselho Directivo, professor e escritor morreu dia 16 de Janeiro em Almada, aos 89 anos. Resistente antifascista, defensor das causas da liberdade e da paz, foi preso várias vezes. Viveu na clandestinidade e esteve exilado em França. Foi militante do MUD Juvenil (Movimento de Unidade Democrática) e depois do PCP, tendo regressado a Portugal após a Revolução do 25 de Abril.

Exerceu funções de deputado municipal em Almada e de presidente da Assembleia de Freguesia do Laranjeiro. Licenciado em Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa e em Literatura Moderna pela Universidade de Paris VIII, foi professor na Escola Superior de Educação Jean Piaget de Almada durante 18 anos.



Formador na área da poesia de crianças e jovens com vista à constituição de um Cancioneiro Infanto-juvenil, intervém com comunicações em diversos Congressos Internacionais promovidos pelo Instituto Piaget (sobre Literatura, Filosofia, Ecologia, Matemática, Direitos Humanos), algumas delas publicadas na obra «Caixa de Ressonância». Como poeta editou diversos livros e desde sempre se interessou pela divulgação da poesia, fazendo recitais em escolas e colectividades em Almada, por todo o país, assim como na Galiza (Vigo, Baiona, Universidade de Santiago de Compostela) e as conferências-recital dedicadas a Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Mário Sá-Carneiro, Manuel da Fonseca, Sidónio Muralha, Fernando Pessoa, entre outros. Alexandre Castanheira foi agraciado em Abril de 2004, pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, com o grau de Comendador da Ordem da Liberdade. A Câmara Municipal de Almada atribuiu-lhe, em 1994, a Medalha de Ouro de Mérito Cultural e deu o nome de Escola Básica Alexandre Castanheira à Escola Básica n.º 2 do Laranjeiro.

João Varela Gomes, militar de Abril, que dedicou a sua vida às causas da liberdade e da democracia, morreu dia 26 de Fevereiro, aos 93 anos. Nascido em Lisboa a 25 de Maio de 1924, foi uma figura destacada da resistência antifascista. O coronel Varela Gomes, viúvo da também democrata e antifascista Maria Eugénia Varela Gomes, fundadora da URAP, era também sócio da União de Resistentes Antifascistas Portugueses. Entre muitas lutas contra o governo fascista, Varela Gomes dirigiu com Manuel Serra a operação de tomada do quartel do Regimento de Infantaria 3, em Beja, na madrugada de 1 de Janeiro de 1962, naquele que ficou conhecido como o Golpe de Beja, onde foi gravemente ferido.



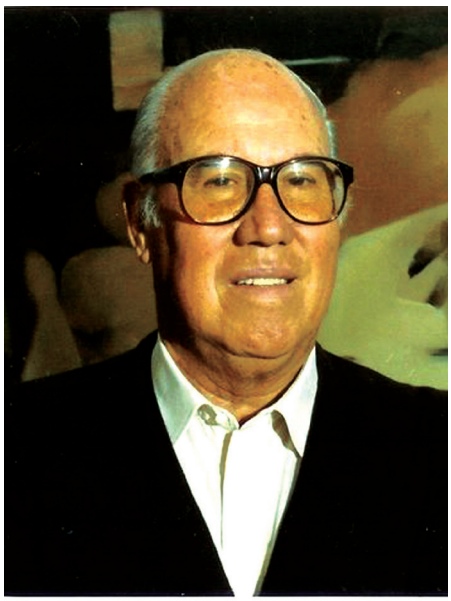
Julgado e condenado em Tribunal Plenário, esteve preso durante seis anos e foi expulso do Exército, acusado pelo seu papel decisivo na Revolta de Beja.

Após o 25 de Abril, João Varela Gomes foi reintegrado no Exército com o posto de coronel e chamado para a Comissão de Extinção da PIDE.

Varela Gomes fez parte da 5.ª Divisão do Estado-Maior General das Forças Armadas, e dirigiu o Centro de Sociologia Militar da 5.ª Divisão, que levou a cabo a sua actividade junto de comissões de trabalhadores e de unidades colectivas de produção na zona de intervenção da reforma agrária.

Passou à clandestinidade, na sequência do 25 de Novembro, para escapar ao mandado de captura emitido contra ele, saiu do país com identidade falsa, embarcou em Espanha com destino a Cuba e de Cuba para Angola, no início de 1976. Regressou a Lisboa, em Setembro de 1979, ao abrigo da lei da Amnistia aprovada pelo Parlamento.

Edmundo Pedro, resistente antifascista, morreu a 28 de Janeiro, em Lisboa, aos 99 anos. Era o último tarrafalista vivo. Edmundo Pedro, filho de Gabriel Pedro, um histórico da resistência antifascista em Portugal, nasceu a 8 de Novembro de 1918, em Alcochete. Aderiu à Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas em 1931, sendo preso no ano seguinte, com apenas 15 anos de idade, por participar na preparação de uma greve nas oficinas do Arsenal do Alfeite. Libertado um ano depois, voltou à acção política, junto das escolas industriais da altura, sendo preso novamente em 1936.



Esteve nas prisões do Aljube, Peniche e Caxias antes de ser enviado para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, juntamente com o pai. Ali esteve preso durante quase dez anos, sendo o mais jovem prisioneiro político do campo. Foi libertado em 1946.

Participou activamente, em 1958, na campanha presidencial do General Humberto Delgado, e no assalto ao quartel militar de Beja, em 1962, sendo preso por mais três anos. Em 1973 adere ao Partido Socialista. Após a Revolução do 25 de Abril foi eleito deputado à Assembleia da República na I, III e V Legislaturas.



Carlos Pires, 78 anos, o tipógrafo clandestino que aos 17 anos compunha e imprimia o Avante!, órgão central do Partido Comunista Português, do qual era funcionário desde os 15 anos, morreu sexta-feira, 2 de Março, em Lisboa. O resistente antifascista e militante comunista que sentia o orgulho de ter imprimido o último Avante! clandestino, publicou o livro «Memórias de um tipógrafo clandestino», no qual relatou momentos dos 20 anos da clandestinidade, 17 dos quais como tipógrafo, e afirmou que esse foi o seu «contributo à obra heroica de milhares de comunistas que fizeram este Partido ser o que é, lutando contra a ditadura, pelo bem-estar do nosso povo e pela Revolução Socialista». Depois do 25 de Abril, Carlos Pires foi um dos fundadores e membro dos corpos gerentes da CDL – Central Distribuidora Livreira, trabalhou na frente autárquica e no apoio central à direcção do PCP. Actualmente, exercia funções na área dos arquivos.

Igualmente antigo tipógrafo, **João Paiva**, sócio da URAP, morreu a 25 de Dezembro passado. Teve grande actividade política durante toda a sua vida contra o fascismo e a liberdade o que lhe valeu ter sido preso no Aljube. Activista do MDP/CDE, antes do 25 de Abril. Participou na constituição das comissões de moradores dos bairros de barracas então existentes na freguesia de Campolide e na organização da União dos Clubes de Campolide.

Foi presidente da Comissão instaladora da Junta de Freguesia de Campolide e candidato da CDU em várias eleições autárquicas. Era militante do PCP.



CULTURA É RESISTÊNCIA

ARTES VISUAIS E RESISTÊNCIA

Nas artes visuais, o espírito de resistência e denúncia esteve sempre presente mesmo quando a encomenda era um exclusivo da nobreza e da igreja. Na Renascença, o público das obras de arte alargou-se às classes médias urbanas, o que se afirmaria depois da Revolução Francesa, já era uma realidade na Inglaterra pré-Revolução Industrial e na burguesa Flandres.

A Renascença inicia uma época em que o estatuto social do artista se começa a afirmar mas em que a arte ao gosto da classe média emergente continua a ter um carácter palaciano, num tempo em que o caminho vai da democracia urbana ao absolutismo dos príncipes. O que é significativo é uma nova consciência social dos artistas que os libertam para trabalhos sem qualquer encomenda. Isso reflecte-se mesmo quando trabalham para as grandes encomendas como em Michelangelo, o expoente máximo da Renascença, onde o mau estar e o desespero da sociedade está bem expresso nos frescos do Juízo Final na Capela Sistina.



A Liberdade guiando o Povo, Delacroix 1830

A vida dos trabalhadores, da vida rural surge sobretudo na pintura flamenga, Flandres e Holanda onde a burguesia era preponderante, nos quadros de Pieter Brueghel, o Velho, embora as suas obras interessassem as classes mais ricas e cultivadas. O que é natural porque como Marx sublinharia quando refere a educação dos sentidos como um trabalho de toda a história social e económica, que possibilita o prazer de ouvir, ver, sentir, as classes trabalhadoras, a lutar pela sobrevivência, não tinham tempo nem espaço para os educar.



Os Fuzilamentos de 3 de Maio, Goya.1808



Gadanheiro, Júlio Pomar, 1945

REVOLUÇÃO NA VIDA E NAS ARTES

Na Revolução Francesa, a França revolucionária tem na arte uma sua aliada na luta. David, considerado o pintor da Revolução, é membro da Convenção que proclama a República, é quem organiza a Academia, os grandes festivais, exposições, museus, o que marca o ponto de partida da arte moderna.

Nas artes visuais surgem artistas que traduzem nas suas obras as lutas sociais e económicas. Na Comuna de Paris, essa breve pioneira e heróica experiência de governo operário, Courbet assume um lugar preponderante, propugnando uma arte para o povo. Mas é na Revolução de Outubro que se muda radicalmente o paradigma das artes visuais. A agit-prop, a arte de propaganda revolucionária é o traço principal de toda a arte soviética, em que as vanguardas artísticas coincidem com a vanguarda política. As diferenças estéticas, muitas e combatendo-se entre si vigorosamente, são superadas pela vontade de contribuir activamente para a educação e instrução ideológica das massas populares.

A participação nas lutas revolucionárias, a denúncia social, se já tinha presença assinalável nas artes visuais adquiriu expressão que se universalizou nos diversos Realismos: o Realismo Social, nos EUA e na Europa, o Muralismo Mexicano, o Realismo Socialista na União Soviética, o Neo-Realismo em Portugal.

De todas as muitas obras, a Guernica de Picasso é provavelmente a mais célebre, mas muitas outras, directa ou indirectamente, organizam um corpo de artes visuais de resistência e denúncia de uma sociedade iníqua que não tem nenhuma dignidade para oferecer aos homens.

Manuel Augusto Araújo



As Botas Camponesas, Van Gogh, 1890

24 de Março em Lisboa

ASSEMBLEIA-GERAL DA URAP

A URAP realiza a sua **Assembleia-geral** no próximo dia 24 de Março, às 14h30, na Sede da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto (Rua da Palma, 248, Lisboa), com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1) Apreciação e votação do Relatório de Actividades do ano de 2017

2) Balanço e Contas. Parecer do Conselho Fiscal do ano de 2017.

3) Apresentação e votação do Plano de Actividades para 2018

25 de Abril

Como sucede todos os anos, a URAP estará presente nas **comemorações populares do 25 de Abril**. Em Lisboa, a URAP concentra-se às 14h30 junto à sede do Diário de Notícias, no início da Avenida da Liberdade, junto ao Marquês de Pombal; no Porto, a URAP presta homenagem aos resistentes antifascistas no Largo Soares dos Reis, às 14h00, junto ao antigo edifício da PIDE, actual Museu Militar. Segue-se, depois, o desfile.



42.º aniversário da URAP

No dia 28 de Abril, assinala-se o **42.º aniversário da URAP** com um almoço em Lisboa. O local será anunciado em breve, mas as inscrições já estão abertas.

1.º de Maio

A URAP terá um pavilhão próprio na Alameda D. Afonso Henriques, em Lisboa, onde culmina a manifestação comemorativa do 1.º de Maio promovida pela CGTP-IN.

Viagem ao País Basco evoca Guernica

A URAP promove, através do seu núcleo do Barreiro, uma viagem a Bilbao, no País Basco, entre os dias 24 e 29 de Junho. Tendo como motivo primeiro prestar homenagem à cidade mártir de Guernica (destruída pela aviação nazi-fascista durante a guerra de Espanha), a viagem apresenta um programa variado de visitas a monumentos, museus e localidades diversas. Para inscrições e mais informações, contactar Maria Adelaide (930 679 585).



Queluz promove visita ao Museu do Neo-Realismo

O núcleo de Queluz da URAP organiza a 14 de Março uma visita ao Museu do Neo-Realismo, em Vila Franca de Xira.

